

4 Escola Santos Anjos

Antes de apresentarmos a pesquisa, importa situar porque a escola pública foi considerada lugar estratégico para a percepção sobre fronteiras entre a dita “cidade formal” e espaços de moradia estigmatizados.

Estudiosos da questão urbana têm voltado suas atenções mais recentemente para a escola pública dentro da chave de compreensão que relaciona os efeitos da segregação urbana à segregação institucional, considerando o quadro de mudanças socioeconômicas mundiais no qual “a concentração territorial dos segmentos vulneráveis transforma-se em segregação residencial, em isolamento físico, sociocultural e dos direitos cívicos e políticos inerentes à condição urbana” (RIBEIRO & KATZMAN, 2008:16).

Pesquisas quantitativas e qualitativas vêm identificando repercussões perversas produzidas pelos estereótipos acerca de favelas e seus congêneres sobre a escola, seja pelo viés dos impactos sobre oportunidades educacionais e índices de escolaridade, como desempenho e evasão escolares, seja pelo viés do trabalho de socialização que faz parte do papel escolar.

No Rio de Janeiro, um recente estudo apontou que morar em favelas pode influir negativamente sobre o desempenho escolar, principalmente quando localizadas em bairros abastados, a despeito das vantagens que estas teriam sobre favelas distantes do centro, como acesso ao mercado de trabalho e a equipamentos urbanos (ALVES; FRANCO & RIBEIRO, 2008).

Burgos (2008b) pesquisou escolas públicas cariocas, cuja clientela é em maioria de crianças e jovens de favelas, apresentando comparações entre as percepções de professores e de educadores de organizações não-governamentais. O que permitiu a conclusão de que “o trabalho de socialização cultural na cidade, que deveria ser realizado pela escola pública, tem sido prejudicado pelo estigma da favela, encarada como *locus* privilegiado da cultura da violência.” (BURGOS, 2008b:39) As interações sociais e pedagógicas entre professor e aluno têm sido atravessadas por uma série de dificuldades em geral atribuídas ao mundo dos

alunos, sobre o qual, no entanto, os docentes pouco conhecem. Esse mundo seria produtor de comportamentos percebidos como hostis ao projeto pedagógico.

A relação entre escola e cidade também tem sido tema reconhecido pela bibliografia internacional. No Chile, Marcela Román (2003) analisou as razões da dificuldade da troca pedagógica em escolas públicas que atendem a grupos pobres e vulneráveis, baseando-se na relação entre as representações sociais dos docentes acerca de seus alunos e a prática em sala de aula. Ela sustenta que *“la práctica pedagógica de los docentes de escuelas vulnerables, está fuertemente asociada a los modelos e imágenes que ellos construyen e reproducen sobre las potencialidades de sus alumnos e alumnas.”* (ROMÁN, 2003:114) No mesmo país, a radicalização desse processo foi observada em estudo que identificou um movimento de “fechamento” ou “blindagem” de escolas situadas em regiões vulneráveis em relação ao entorno, na tentativa de se protegerem dos “efeitos-vizinhança” (FLORES, 2008).

Feita essa apresentação, é preciso chamar atenção para o professor, um de nossos intérpretes da relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon. Sua posição é bastante peculiar para o estudo da segregação urbana. Ao mesmo tempo em que o docente está cotidianamente em áreas segregadas ou mesmo em contato direto com crianças, jovens e famílias que habitam nesses espaços da cidade, em geral ele vem de fora deles. Ou seja, não mora nessas áreas. A perspectiva do professor é, assim, permeada pela ideia de que está “dentro”, mas também está “fora”.

Com base no que dissemos acima, passemos à pesquisa realizada junto às professoras da escola Santos Anjos.

4.1.

Sobre a escola

Fundada em 1957 junto com o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, a Escola Municipal Classe em Cooperação Santos Anjos ou escola Santos Anjos, como é conhecida e como a trataremos, tem boas instalações, apesar da última reforma ter ocorrido nos anos de 1980. A escola trabalha em dois

turnos – manhã e tarde - com crianças a partir de quatro anos de idade, de Educação Infantil até o 5º ano do ciclo de Ensino Fundamental¹. São em torno de 510 alunos e cerca de 40% deles são moradores da Cruzada. Os demais residem em locais os mais diversos, próximos e distantes dali como Rocinha, Vidigal, Leblon, Ipanema, Chácara do Céu; e também Bonsucesso e Nilópolis. Aqueles que moram no Leblon e em Ipanema, segundo informações das professoras, em geral seriam filhos de porteiros que trabalham nos prédios do entorno.

O corpo docente é formado por 17 professores regentes; três de Educação Física; um professor de Sala de Leitura; um estagiário do curso de graduação em Pedagogia; uma professora readaptada²; além de uma professora voluntária. “Essa é a estrutura do município”, nos disse a diretora-adjunta. Existem ainda os “amigos da escola”, parceiros sobre os quais falou com orgulho.

São três: o Instituto Rogério Steinberg, que oferece aulas de música e de informática aos alunos; o Shopping Leblon, vizinho à escola e à Cruzada, que desenvolve o projeto “Melhor Amigo”, disponibilizando oficinas de artes, capoeira e reforço escolar (português, matemática e leitura) a cerca de 80 alunos, cuja maioria é de crianças que moram na Cruzada São Sebastião; e a Casa Santa Inês, ligada à Capela Santa Inês, no bairro da Gávea, onde as crianças têm aulas de informática, de inglês, de reforço escolar, bem como recreação.

Quanto à estrutura física do prédio da Santos Anjos, há uma sala de leitura; um laboratório de informática equipado com cerca de 20 máquinas; o auditório “Dom Helder Câmara”; um almoxarifado; uma sala de espelhos; uma quadra de esportes. Algumas salas de aula contam com aparelhos de ar condicionado, outras têm ventiladores de teto. Há refeitório, no qual são servidos almoços e lanches para os dois turnos; e a limpeza é feita por dois garis.

¹ Antiga 4ª série.

² A readaptação é o ajustamento do professor ou especialista de educação ao exercício de atribuições mais compatíveis com o seu estado físico, psíquico ou de saúde. Cf. <http://www.planejamento.mg.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=legisd.xis&origem=listaass&ASSUNTO=READAPTACAO>

4.2.

Entrevistas

Em outubro de 2009 iniciamos o trabalho de campo, depois de passados cerca de cinco meses entre o primeiro contato com a direção da escola até a autorização para a pesquisa por parte da Secretaria de Educação. Fui bem recebida pelo corpo docente. Com a ajuda da diretora, foram selecionadas as professoras para as entrevistas de acordo com o critério do tempo de trabalho na escola: duas professoras mais novas e duas professoras mais antigas. Além delas, entrevistamos a coordenadora pedagógica, a própria diretora, a diretora-adjunta, e também mais duas docentes, por sugestão da direção: a ex diretora-adjunta da escola, hoje atuando como especialista em Educação; e uma das professoras de Educação Física da Santos Anjos. Enquanto a primeira foi inserida no grupo da direção, junto às diretoras e coordenadora, a segunda passou a fazer parte do grupo de professoras antigas.³ Ou seja, no total, fizemos nove entrevistas: três professoras antigas; duas professoras novas; a diretora, a coordenadora, a diretora-adjunta e a ex diretora-adjunta.

Para estabelecer um critério mínimo de anos de trabalho na escola a fim de selecionar professoras antigas, decidimos que seriam aquelas com dez ou mais anos de casa. Quanto às professoras novas, demos preferência àquelas que haviam ingressado na Santos Anjos em 2009, com menos de um ano na escola.

Foram preparados alguns roteiros com perguntas semi-estruturadas, diferenciados entre eles basicamente no que tange às especificidades dos cargos ocupados pelas docentes e ao tempo de trabalho naquela escola: direção (diretora, diretora-adjunta e coordenadora); professoras novas; professoras antigas; além de um outro roteiro com questões para a ex diretora-adjunta, uma adaptação daquele produzido para a direção.

Constavam dos roteiros perguntas sobre a carreira das docentes e suas experiências profissionais em outras escolas públicas e/ou particulares; a relação

³ A diretora, ao saber que eu estava pesquisando a praça Paul Claudel, no Jardim de Alah, sugeriu-me que entrevistasse esta professora de Educação Física, pois ela havia trabalhado na escola pública localizada em frente à praça, e poderia me relatar sua experiência naquele lugar. Apesar de termos excluído tal espaço público como fonte de pesquisa, decidimos manter o depoimento da professora.

da Santos Anjos com as famílias e a participação dos pais e/ ou responsáveis na vida da escola; o conhecimento sobre a Cruzada São Sebastião e a relação deste com a escola; a percepção a respeito da relação entre o conjunto habitacional e o bairro; a circulação dos alunos da Cruzada pelo bairro; e sobre a relação da escola com a Associação de Moradores e com a Igreja Católica. Às professoras mais antigas e à direção, que está há bastante tempo na escola, foram preparadas questões que as motivassem a pensar relacionando passado e presente.

A maior parte das entrevistas ocorreu em salas de aula, no período em que as turmas estavam em atividade de Educação Física. Faz-se necessário colocar aqui que se optou por não revelar o nome das entrevistadas a fim de preservar suas identidades, conforme combinado com as próprias. Escolhemos então, para fins de organização da informação, identificar as professoras que integram a direção (diretora, coordenadora, diretora-adjunta e ex diretora-adjunta) pelo nome genérico de “Direção”, sem especificações quanto aos cargos. As três professoras antigas serão “Professora Antiga 1”, “Professora Antiga 2” e “Professora Antiga 3”. Já as docentes novatas serão “Professora Nova 1” e “Professora Nova 2”.

4.3.

As percepções das docentes

Buscamos agrupá-las a partir dos seguintes temas que dão nome às seções: “Relação entre a escola Santos Anjos e a Cruzada São Sebastião”; “Preconceito e discriminação”; “O que é a Cruzada São Sebastião?”; e “Aviso ou sentença – sobre caminhar pelo conjunto”. Na sequência, a última seção de nome “De dentro, de fora, na fronteira”, na qual articularemos a leitura dos dados fornecidos pelos quatro intérpretes no capítulo anterior – antigo morador, presidente da associação de moradores Amorabase, imprensa e corretor imobiliário – aos dados referentes à pesquisa na Santos Anjos.

4.3.1

Relação entre a escola Santos Anjos e a Cruzada São Sebastião

A respeito do passado da escola, as professoras antigas e a direção foram unânimes: era uma “bagunça”. A memória sobre os anos de 1980 é de uma instituição abandonada, com professores desestimulados, e com alunos que as demais escolas rejeitavam por serem tidos como problemáticos e pela alta defasagem entre idade e a série que estavam cursando (a chamada distorção idade-série, nos termos pedagógicos-educacionais). A fim de requalificá-la a escola foi reformulada, com a troca do comando da direção, e transformada em polo de alfabetização, do jardim à antiga segunda série.

O passado da Santos Anjos também esteve fortemente ligado à presença constante da “comunidade” em seu espaço:

Quem tá chegando agora, já encontra a escola arrumada, estruturada. (...) Eu quando cheguei não tinha nada, sabe? Tinha os papéis... Por exemplo, até no arquivo. Você ia procurar o nome da criança, você tinha saber “qual o ano que você nasceu?” Aí elas arquivavam assim pelo ano, era muito complicado. (...) É, mas antes foi o caos. O caos. A comunidade vinha muito à escola... Aí era assim: mãe não tinha calçinha pra sair de casa pra trabalhar. Aí mandava a filha vir aqui pra pegar calçinha pra poder ir trabalhar! Porque a escola pegava roupas, as professoras traziam roupas para poder doar pras crianças daqui... Pra você ver, tinha famílias que acontecia isso... Ela não tinha como sair de casa, não tinha calçinha pra sair de casa e mandava pedir... Não foi uma vez, não, foram várias vezes. Complicado... Saíam da escola, era telefonema... Até assim: “tem recado para fulano!” Achavam que a escola tinha que transmitir. Agora, não. Parece que era o quintal deles, sabe? (Direção)

Importa informar que o prédio da escola Santos Anjos é de propriedade da Igreja Católica. Há um contrato de comodato assinado entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Igreja para a utilização do prédio para fins educativos de 6h às 18h, entre segunda e sexta-feira. Após esse período, ou seja, todas as noites em dias úteis, bem como sábados e domingos, é a paróquia Santos Anjos, que faz parte do projeto original da Cruzada São Sebastião, quem define a utilização daquele espaço.

Durante a década de 1980, aos moradores da Cruzada, de acordo com relatos das docentes, foi concedido o direito de uso da quadra de esportes e também do prédio da escola fora do horário de aulas. Isso passou a constituir um

dos principais motivos de discórdia entre a escola e o conjunto, cuja delicada relação era mediada principalmente pela Igreja. A disputa pelo uso do espaço demandou muita negociação para que se alcançasse um entendimento possível ao longo dos anos.

Por volta dos primeiros anos daquela década, aconteciam na quadra ensaios da escola de samba formada pelos moradores do conjunto habitacional, assim como bailes funk. Também fora do horário e dos dias de aula, as dependências da Santos Anjos eram cedidas para realização de cursos diversos - artes marciais, dança, teatro, inglês, ginástica. Uma entrevistada da direção relata os problemas que a escola enfrentou:

Mas só que eles, quando nós chegávamos às 6h da manhã, estava tudo desarrumado. As salas sujas. Encontraram nos finais de semanas fetos dentro do banheiro, camisinha... Até feto já foi encontrado aqui dentro. Eu não fui ver porque eu não queria ver... Feto, camisinha, absorvente... tudo de qualquer jeito. Então quando nos chegávamos, era uma imundície. Os cartazes das professoras... Porque as salas serviam de camarins pras pessoas que vinham cantar na quadra. Aí quando nós chegávamos os cartazes das professoras estavam virados ao contrário, escrito: 'Cuba libre, tanto'; 'Aguardente, tanto'; 'Sanduíche, tanto'. Sabe? (Direção)

Tinha carnaval e tudo. Aí quando nós chegávamos, terminava o carnaval, eles não tiravam as coisas. Iam começar as aulas e os corredores todos sujos de tamborim, galinha e... sabe? Tudo o que você podia imaginar, porque eles faziam macumba também, antes de... despacho, né? Antes de sair a escola de samba. Dentro da escola, nós chegamos uma vez... Eu fotografei. A escola toda, com aquilo tudo espalhado, galinha amarrada, sabe? (risos) Era uma loucura! (Direção)

A insatisfação do corpo docente somou-se ao descontentamento dos moradores dos prédios vizinhos incomodados pelo som das festas. Foram realizadas reuniões entre representantes da escola, Igreja e Cruzada para o estabelecimento de regras para o uso do prédio da escola Santos Anjos e da quadra de esportes, o que resultou em acordos e termos de compromisso.

(...) Aqueles que não cumprissem as regras que estavam ali estabelecidas, nós iríamos fazer uma reunião e aquela pessoa era obrigada a sair e entregar a chave. Com isso todos saíram. Porque nenhum deles conseguiu manter as normas que eles mesmos determinaram. Aí conseguimos tirar todos eles. Eles não podiam discutir, porque realmente eles não cumpriam. E os que estavam ali e conseguiam mais ou menos manter achavam que aquela pessoa tinha que realmente entregar. Foram entregando e um a um foi saindo. (Direção)

No entanto, nos anos de 1990 a “comunidade” obteve novamente a permissão para o uso do espaço da escola. A atual direção da Santos Anjos enfrentou dificuldades na relação com a Cruzada, sendo chamada inclusive a responder pela ocorrência de um crime que teria sido cometido por pessoas que saíram do baile funk na escola.

(...) Uma moça levou um tiro na saída aqui no Leblon. Ela tava dentro de casa e teve uma briga de um pessoal que saiu daqui (de um dos bailes funk que aconteciam na escola). Aí ali na esquina, na Ataulfo de Paiva, ela levou um tiro, não sei se foi homem ou uma senhora. (...) Ela (a diretora) foi chamada, mas ela não teve culpa porque era a comunidade que fazia, a associação dos moradores e a Igreja que autorizava fazer. Como sai da escola, da quadra, quem responde é a diretora. (Direção)

Hoje em dia escola e Cruzada compartilham somente a quadra de esportes situada na instituição de ensino. Ao fim das aulas, às 18h, todos os dias o acesso ao prédio da escola e, por conseguinte às salas de aula nos segundo e terceiro andares, é fechado por um portão de ferro. A quadra, que fica no térreo, tem duas entradas: uma pelo portão principal da escola, que também é fechado ao término das aulas; e outra por uma porta lateral, por onde os usuários do espaço entram à noite para prática de atividades esportivas.

Segundo a Professora Antiga 3, foi preciso “moralizar”, estabelecer fronteiras claras com a “comunidade” a fim de preservar o prédio da escola e também a sua imagem. Ela relembra que foi com “muito sacrifício” que a escola conseguiu entrar em acordo com a Cruzada. Outra docente, a Professora Antiga 2, enfatiza que os moradores do conjunto habitacional não souberam usar o espaço.

Antes, eles usavam tudo, a escola toda! Era uma bagunça. Porque era baile funk dentro da escola. (...) a escola era conhecida dessa forma. (...) A gente não conseguiu tirar tudo, mas pelo menos o que eles usam é lá fora e não têm causado prejuízo. (Professora Antiga 3)

Se não souber usar, vai faltar, né? Acho que eles não souberam usar. Tinha muito professor reclamando: ‘Pô, destruíram meu mural!’. (...) Porque tem gente que não tem educação mesmo, né? Uma pena porque a comunidade podia usar as salas pra cursos, né? (Professora Antiga 2)

A relação entre eles atualmente é classificada como boa, porém não sem conflitos:

(...) Tem lá as coisas, né?. ‘Vou pintar; não, não vou pintar! É você que vai pintar...’ Aí eu falei: ‘Poxa, uma hora um dá a tinta e o outro pinta...’ Porque os dois usam, né? E fica aquele jogo de empurra (...) O presidente da associação se relaciona muito bem com a direção, entendeu? De vez em quando tem lá uns... Tão construindo uma salinha lá embaixo pro projeto (para o projeto Melhor Amigo, do Shopping Leblon) e aí teve algumas desavenças e tal, mas... É tudo contornado, tudo conversado... (Professora Antiga 2)

Conhece aquela música ‘Entre tapas e beijos’ 4? Nossa relação é assim! A escola não é deles. Eles têm a facilidade de morar perto da escola. (Direção)

4.3.2.

Preconceito e discriminação

Todas as entrevistadas mencionaram ou fizeram referência, direta ou indiretamente, com maior ou menor ênfase, a um desses dois termos que dão título a esta seção na tentativa de explicar como interpretam a relação entre a Cruzada e o Leblon. Para elas, o morador do bairro discrimina e rejeita quem mora no conjunto habitacional.

Começamos pelas professoras mais antigas na escola e pela direção, cujas percepções apresentarem-se bastante convergentes e semelhantes, quase um discurso único e consolidado. Uma entrevistada que faz parte da direção da escola disse já ter ouvido depoimentos de “pais da Cruzada” que afirmaram mentir o endereço ao concorrerem por oportunidades de emprego, porque “Avenida Borges de Medeiros, número 699”⁵, endereço do primeiro bloco do conjunto, significa morar na Cruzada. E tal fato carregaria em si uma carga negativa.

Se a gente conversa com eles, com mãe, com filho, eles sentem discriminação. Isso o pessoal que mora. Eles discriminam mesmo. ‘Mora na Cruzada, mora na Cruzada!’. Passar aqui por dentro? Eles (moradores do Leblon e adjacências) não passam nunca aqui dentro! Pessoal que mora aqui? Não passa, dão a volta mas não passa. (...) Você escuta as pessoas falando: ‘você trabalha aí? Tem medo não? Não tem medo de passar na Cruzada?’ (Professora Antiga 1)

Mas eles (moradores do Leblon e adjacências) acham que isso aqui é uma mancha pro Leblon, entendeu? Que isso aqui não deveria existir nunca, que Dom Helder... fez isso aqui... no meio de um bairro chiqueríssimo, entendeu? (Professora Antiga 2)

⁴ Música sertaneja que foi sucesso na década de 1990, nas vozes de Leandro e Leonardo.

⁵ “Avenida Borges de Medeiros, 699” é o endereço que a escola utiliza nas fichas cadastrais dos alunos moradores da Cruzada. Não há especificações quanto aos blocos ou prédios, nem número dos apartamentos.

Tem muita gente boa. (...) O Leblon vê a Cruzada como um câncer. Tem horror. É como se a Cruzada não fizesse parte do Leblon. Tanto que chamam de 'A Cruzada São Sebastião.' (Direção)

Interessante notar a construção do pensamento da Professora Antiga 1 ao qualificar a discriminação que menciona primeiramente.

Pergunta: Como a senhora percebe a relação Cruzada e Leblon nesses anos?

Professora Antiga 1: Como é que eu vou dizer pra você... Eles se sentem assim... eles fazem de tudo para mostrar que eles moram no Leblon... eles não acham que isso aqui é uma favela nunca! Pra eles, eles moram no Leblon, numa comunidade no Leblon. Não é comunidade pra eles, não é favela nunca pra eles. Entendeu? (...) E eles se sentem discriminados. Mas eles não dão o braço a torcer. Não dão o braço a torcer!

Pergunta: Por quê?

Professora Antiga 1: Ah, porque eles se acham que moram no Leblon! Entendeu? Eles sentem a discriminação. (...)

Para a docente, ao mesmo tempo em que há “uma rejeição muito grande” do bairro em relação ao conjunto, há uma reação do morador da Cruzada que parece inversamente proporcional ao que dele seria *esperado*. Ele é vítima de diferenciação, sim, porém parece desconhecer a falta ou defeito do qual seria portador, motivo da discriminação: morar em uma “favela”, em uma “comunidade” pobre inserida em um bairro “chique”.

Nos termos da Professora Antiga 1, os moradores da Cruzada igualmente rejeitam, também com intensidade, para sua surpresa, a ideia de que se inserem no bairro a partir do estigma atribuído a seu local de moradia. E mais: fazem de tudo para *mostrar* que moram no Leblon. O verbo “mostrar”, carregado do sentido de “fazer parecer” ou “aparentar” nos aponta que, para a professora, a Cruzada está no Leblon formalmente, ao mesmo tempo em que não é Leblon porque é “favela”, é uma “comunidade”. É outra coisa. *Ser* Leblon e *estar* no Leblon representam duas situações bem distintas.

As docentes da direção nos forneceram exemplos a fim de ilustrar a ideia de que os moradores da Cruzada carecem de humildade.

*A Cruzada não é humilde. Tem o nariz em pé (...) Engraçado que eles chamam a Selva de Pedra de 'favelão'*⁶. *Eles não são? (risos). (Direção)*

(...) Eles não aceitavam, eram... Não tinham quase o que comer quase o que vestir, mas eles só queriam coisas caras, sabe? Se você chegava pra uma criança... Se ele não tinha um sapato. Aí nós comprávamos um tênis. Conga? De jeito nenhum! All star? De jeito nenhum! Eles só queriam tênis caro. (...) (Direção)

No decorrer das entrevistas com as professoras, percebeu-se que Cruzada e Leblon aparecem como categorias totais e distintas, abarcando estilos de vida bem particulares e tipos bem definidos de habitante. O que suspende a possibilidade de diversidade de opções de vida, trajetórias e de escolhas dos indivíduos que nesses espaços residem.

Portanto, para as professoras antigas e para a direção, a Cruzada é assim: composta por pessoas nada humildes, de “nariz em pé” que, por motivos variados, seja insolência, arrogância, atrevimento, imaginam morar no Leblon quando moram em uma “favela”, uma “favela de asfalto”, uma “comunidade”.⁷ A fim de disfarçar ou mesmo negar esse “fato”, fazem de tudo para aparentar que habitam naquele bairro, perseguindo o estilo de vida, os gostos e as preferências do Leblon, incluindo o vestuário “de marca”.

Ficou claro que, para elas, a co-habitação desta população residente em lugar precarizado junto a classes abastadas no Leblon, entre bairros de classe média alta, é conflituosa. E maior é o conflito à medida que a Cruzada se recusa a ocupar o “seu lugar”. As cartas do jogo se embaralham, especialmente em uma sociedade como a brasileira, fortemente hierarquizada e também desigual, que fornece “um lugar para cada coisa e colocando, complementarmente, cada coisa em seu lugar” (DAMATTA, 1987:59). Vejamos o depoimento abaixo de uma integrante da direção.

(...) Acho que não tinham um relacionamento muito bom (Cruzada e Leblon). Porque achavam que... eles consideravam, o Leblon considerava eles... (pausa) É um gueto, né? Porque eles estão entre a Lagoa, Leblon e Ipanema, né, o metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro eles estão, né? Aí eles queriam... o relacionamento deles era assim... é... que fossem tratados de igual pra igual, tá

⁶ O condomínio Selva de Pedra, como vimos, foi construído no terreno em que se localizava a favela da Praia do Pinto. A referência a ele como “favelão” não é exclusiva dos moradores da Cruzada, sendo acionada também por outros grupos que residem ou frequentam no Leblon como, por exemplo, os alunos do Colégio Santo Agostinho, onde estudei.

⁷ Mais adiante trataremos de analisar tais denominações concedidas à Cruzada pelas entrevistadas.

entendendo? E achavam que não eram tratados, entendeu como é que é? (...) Era roupa, qualquer coisa que comprassem para eles, eles queriam de marca. Porque queriam estar de igual para igual com eles (moradores do Leblon). Eles eram assim. Curso, por exemplo, se você fosse oferecer um curso pra eles pra empregada doméstica, babá, sabe? Oferecer alguma coisa, não! Só queriam curso de inglês, de informática... (risos) Eles eram muito engraçados. Agora, não, agora eles já aceitam qualquer coisa. (Direção)

Estimulada a pensar por quais motivos acredita que os moradores da Cruzada antigamente não aceitavam “qualquer coisa” e agora já aceitariam, a docente explicou que a discriminação, menos causada por seus vizinhos, seria mais alimentada pelos próprios habitantes da Cruzada, talvez por insistirem tanto neste tema e por acreditarem que deveriam receber tratamento de “igual para igual”.

(...) E eles se sentiam assim como uns discriminados, né, e só queriam o melhor pra eles. E agora não, agora você vê que eles vêm, eles perguntam se tem alguém precisando de empregada doméstica, se tem alguém precisando de babá, de enfermeira, de faxineira. Eles vêm e perguntam. Antigamente não. Só curso de inglês, só queriam estudar, mas não estudavam. Só pra dizer que estavam estudando... só de fachada. (Direção)

Interessante notar a maneira pela qual se refere à discriminação em relação à Cruzada: os moradores *sentiam-se* discriminados. O que é diferente, por exemplo, da ideia de que seriam alvo de discriminação. Ela nos sugere que o habitante da Cruzada parece ter aceitado a ideia de que é radicalmente diferente do morador do Leblon: indivíduo com boa escolaridade, de renda elevada, consumidor de roupas de “marca”. Visto como pobre, de baixa escolaridade, menos apto à vida escolar, a ele estariam reservadas vagas de emprego condizentes à sua condição subalterna na relação de complementaridade entre ricos e pobres.

Diferente das professoras antigas e da direção, com relação às professoras novatas o conhecimento prévio a respeito da Cruzada São Sebastião não coincidiu. Enquanto a Professora Nova 2 nada sabia sobre o conjunto habitacional e só veio a conhecê-lo quando começou a trabalhar na Santos Anjos, a Professora Nova 1 afirmou saber apenas o que contam parentes que moram no Leblon há muitos anos e vivenciaram a transferência dos moradores da Praia do Pinto para a

Cruzada e também o incêndio da favela em 1969. Segundo sua família, ninguém queria a permanência daquelas pessoas ali.

A percepção das duas professoras novas a respeito da relação entre o conjunto e o bairro também foi marcada por questões distintas das apontadas pelas demais docentes, apesar de destacarem que há discriminação e separação. Tanto a Professora Nova 1 quanto a Professora Nova 2 indicaram existir isolamento sociocultural da Cruzada nos relatos de alunos que moram no conjunto. O que se refletiria na pouca circulação pelo bairro, sendo a praia um dos lugares mais frequentados por eles, principalmente o trecho em frente ao canal do Jardim de Alah. Os shopping centers, por seu turno, seriam evitados.

(...) A vidinha deles é essa. Não tem muito outro lugar. Quando eles vão à praia, eles vão à praia aqui em frente, que é o lugar que o pessoal da Cruzada fica. Não tem muito essa, né? Eu até às vezes pergunto... porque tem muita coisa de graça às vezes no Rio Design, tem muita atividade, eles não participam. Culturalmente, né, não... eles não têm esse hábito. (Professora Nova 1)

(...) Teve uma vez uma exposição muito bonita, de perfumes franceses, no shopping (Shopping Leblon). Perguntei se eles tinham ido. (...) Eles não vão, não. (...) Os lugares que eles mais freqüentam é a praia. A praia é uma coisa muito presente na vida deles. Aí eu falo: 'Qual praia que você foi?' 'Essa aqui, tia'. Eles dizem logo: 'essa aqui, tia, que tem aqui perto'. Mas eu falo: 'Como é o nome da praia?' 'Leblon' (resposta dos alunos). Quero situar se eles... 'Então, bom, vocês moram no Leblon. Um bairro bom, tem um shopping que é muito bonito'. (Professora Nova 2)

O Shopping Leblon ora é citado como parceiro da escola, ora como espécie de metonímia do bairro, representante de um “estilo Leblon de ser”, rico e bem vestido, bem como símbolo de segregação sociocultural.

Todo o dia eu converso com meus alunos. E um belo dia eu perguntei: vocês conhecem o Shopping Leblon? Quase todos conhecem. Mas a maioria não freqüenta o shopping. Eles vão em outros shoppings. (...) E criança não mente! Eu falei: 'Por que? Se você mora tão pertinho, por que que você não vai?' 'Ah, a mamãe não gosta...' Ou então: 'vou em outro shopping'. (...) Eu acredito que eles conseguem assimilar que eles moram num bairro chique, um bairro de classe média alta. Porque uma criança falou com muita veemência: 'Tia, eu não gosto de ir nesse shopping.' (Professora Nova 2)

Contudo, as próprias professoras disseram perceber olhares de estranheza quando por lá passeiam com roupas que seriam mais simples.

Por exemplo, eu como venho trabalhar de bicicleta, então eu venho assim, né, com roupa... Se você entra no shopping, você já vê a diferença. A gente mesmo... Já é uma coisa assim, você não é desse... A sensação que você tem é que você não é desse... desse meio. É uma coisa que... incomoda um pouco. (Professora Nova 1)

Porque eu acho que o Shopping Leblon, até eu como cliente... (...) quando eu quero vir arrumada, eu vou no shopping também... faço visitas numas lojas e as pessoas tratam você de uma maneira diferente. A gente vê isso, que o comércio tem essa coisa, vê primeiro a aparência. (Professora Nova 2)

A ideia de proximidade territorial e distância social esteve presente de modo mais enfático no depoimento da Professora Nova 1, no entendimento de que a Cruzada e o Leblon seriam dois mundos distintos, sendo o mundo da Cruzada, em uma associação ao mundo da favela, fechado e limitado. A relação entre estes espaços seria, principalmente, estabelecida pela hierarquia social e econômica no campo do trabalho.

(...) Aqui eu acho que é assim: é outro mundo, as pessoas não conseguem enxergar, né? Eu que sempre trabalhei em comunidade, às vezes eu conto umas histórias que as pessoas não têm noção do que é a vida dessas pessoas. (...) Eu falo: 'é outro mundo'. (...) a cabeça deles gira de uma maneira diferente, né? (...) (Professora Nova 1)

E que por outro lado... é, o que eu acho bem cruel... é que o que sustenta a vida econômica do Leblon, Gávea, Ipanema é a Cruzada, a Rocinha, e o Vidigal. (...) Porque, por exemplo: a pessoa que me ajuda lá em casa, tá na família há 10 anos, ela mora em Belford Roxo. O único lugar que ela trabalha aqui na Zona Sul é a minha casa. Porque o pessoal aqui prefere que more aqui do lado pra pagar menos e tal... Por um lado vocês reclamam, mas por outro lado vocês alimentam, né? (...) E tem muita gente aqui que trabalha... Tem uma aluna que a avó é faxineira aqui. Tem um que é manobrista no Rio Design... Então, de alguma maneira, né, o que sustenta, né, é essa mão de obra, né? Agora, essa relação em outros lugares não é tão distante... eu acho que aqui no Leblon é... As pessoas são mais... vocês aqui e eu aqui, sabe? Eu acho isso muito estranho. (Professora Nova 1)

4.3.3.

O que é a Cruzada São Sebastião?

“Comunidade”, “comunidade carente”, “favela”, “favela de asfalto” e “gueto”. Verificamos uma gama de expressões utilizadas pelas professoras para definir ou se referir à Cruzada. O que elas entendem por cada um desses termos?

Começamos pela palavra “comunidade”, acionado por todas a partir de diferentes atribuições de sentido, as quais veremos mais adiante. A ideia de comunidade associada à favela não é nova, segundo Valladares (2005b:34). Como pudemos ver no capítulo 1 deste trabalho, ao analisar as imagens e descrições de intelectuais do início do século XX sobre o fenômeno da favela, a autora argumenta que “Os Sertões”, clássico de Euclides da Cunha sobre o povoado de Canudos e lido pelos cronistas da época, contribuiu fortemente para o processo de construção das representações sociais e para o imaginário coletivo do país sobre a favela e seus habitantes. Euclides percebia Canudos como “uma comunidade de miseráveis marcada por uma identidade comum” (VALLADARES, 2005b:34):

A ideia de comunidade, tão presente no campo analisado por Euclides da Cunha, acabou por ser igualmente associada à favela carioca, servindo de modelo para os primeiros observadores que tentaram caracterizar a organização social dos novos territórios da pobreza urbana. (VALLADARES, 2005b:34)

Birman (2008) observa que a palavra “comunidade”, hoje largamente empregada por diferentes atores sociais, é também utilizada por moradores de favelas e territórios estigmatizados, especialmente “como contradiscurso que argumenta a favor dos habitantes das favelas, destacando as boas qualidades morais que eles teriam.” (BIRMAN, 2008:103). Seria uma resposta a enunciados estigmatizantes. “*Favelado*, como há muito tempo estamos cientes, é uma das designações mais segregadoras de uso corrente na cidade.” (2008:103) Com o foco em compreender porque a palavra “comunidade” virou “pau para toda a obra”, Birman investiga como o termo é acionado dentro do quadro de criminalização dessas localidades no Rio de Janeiro, identificando algumas modalidades de uso.

Uma delas seria o emprego do eufemismo como artifício para contornar o valor negativo da expressão “favela”. Trocando em miúdos, falar “comunidade” é

dispensar um tratamento de delicadeza para com os habitantes de favelas, tratamento que, apesar da intenção, não exclui e nem afronta o estigma. “O termo ‘comunidade’ não é capaz de impedir a associação da pessoa com os traços negativos provenientes dessa identificação; somente indica a suspensão destes pelo uso momentâneo de aspas que podem ser retiradas quando for preciso.” (BIRMAN, 2008:106)

Um outro uso seria tributário da noção católica de comunidade, calcada no princípio hierárquico que organizaria a relação entre os desiguais. “A complementaridade entre ricos e pobres, pelas suas qualidades diferenciais, garantiria assim a harmonia das comunidades internamente diferenciadas, mas estruturadas segundo um mesmo e único eixo, aquela da hierarquia.” (2008:108). Falar em “comunidade” pode ainda referir-se ao esforço do habitante de favela em “mostrar o outro lado”, um lado positivo contra a visão dos “de fora”.

A autora conclui que os usos positivos do termo comunidade frente ao emprego, por exemplo, da palavra favela, reiteram

um sentido prévio a todas essas definições, quer dizer, uma diferença substantiva – que pode ser negativa no essencial, mas também positiva em certos momentos – acionando diferenças culturais/ civilizacionais que distinguiriam os bairros da cidade das ditas favelas/ periferias/ morros/ comunidades. Mostra-se assim possível conjugar de forma não contraditória identificações negativas e positivas: lugar da tradição e também lugar da violência. Lugar das relações harmônicas entre vizinhos, mas também lugar da incivilidade (...) Lugar da família, mas também lugar de uma juventude desregrada (...), dos bailes funk (...). Em suma, territórios que parecem destilar uma especificidade inconfundível ligada ao caráter moral e cultural de sua população. (BIRMAN, 2008:113)

Voltemos agora às professoras. A palavra “comunidade” faz parte do vocabulário delas e é utilizada com frequência e de maneira irrefletida, sabendo-se ser, inclusive, sua utilização recomendada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, a fim de que se evite pronunciar a palavra favela.

O primeiro uso do termo “comunidade” que destacaremos, a partir das falas de professoras antigas e também da direção, traz a ideia de um lugar onde os indivíduos mantêm laços estreitos de solidariedade, onde há união, coesão e também homogeneidade entre eles. Esta concepção foi aplicada ao pensarem sobre as transformações pelas quais passou a Cruzada São Sebastião até o presente.

A concessão definitiva da posse dos apartamentos aos moradores, na década de 1980, foi citada como fator que, provocando mudanças na composição dos habitantes, trouxe para o conjunto habitacional pessoas que não fizeram parte do projeto original da Cruzada, pessoas portadoras de uma moral diferenciada daquela proferida pela Igreja Católica. Uma multiplicidade de tipos que incluiria bandidos e marginais.

Famílias eram mais unidas. Depois que começou a vir pessoas de outros lugares e começou a estragar. Quando eu vim pra cá a Cruzada não era isso. Hoje ela tem muito mais marginal, bandido, sei lá. Tráfico, né? (...) Tem muito, hoje é descarado, você passa aí, você vê vendendo na rua. (...) Na cara dos policiais, quando tinha o batalhão aqui. Que piorou, com certeza, eles eram mais uma comunidade. Agora, já são... piorou bem mais. Não é o que era antigamente. (Professora Antiga 1)

Uma outra professora antiga emprega o termo “comunidade” de maneira ambígua, atribuindo a ele sentido ao mesmo tempo positivo e negativo. Perguntada sobre quais imagens a Cruzada São Sebastião lhe remetia, disparou:

*Eu acho que eles estão passando um momento como todas as comunidades estão passando: repressão ao tóxico ⁸, que é o que mais a gente mais nota aqui agora no momento, entendeu? Antes, a gente não tinha problema nenhum com a Cruzada. Era uma comunidade muito calma, muito tranqüila. Nossos carros ficavam aqui na porta. Nós passávamos a pé dentro da Cruzada várias vezes no dia. E hoje a gente já não tá podendo fazer mais isso. Hoje a gente pra chegar, pra encostar o carro aí na frente da escola, a gente tem que tá tendo que, de uma certa forma, tá peitando porque eles não querem. Eles querem cobrar. É o pessoal da **comunidade**⁹ que tá aí. (Professora Antiga 3)*

A professora utiliza “comunidade” por três vezes no depoimento acima, sendo as duas primeiras como eufemismo de favela, dando conotação positiva ao lugar, antes calmo e tranquilo. Já num terceiro momento, fala sobre “o pessoal da comunidade”, ficando clara a referência à Cruzada pela identificação aos “donos do lugar”, responsáveis por situações inusitadas para ela, como a cobrança de estacionamento por parte de novos “flanelinhas” na porta da escola. Recorrendo, assim, às ideias de criminalidade e de violência para falar sobre o conjunto,

⁸ A docente faz uma associação entre a Cruzada e favelas de porte médio no Rio de Janeiro, onde estão sendo implantadas as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) desde 2009 pelo governo Sérgio Cabral Filho.

⁹ Grifo meu.

correlacionando-o a um discurso comumente feito em torno da imagem negativa do universo da favela

O termo “comunidade” também apareceu na fala da Professora Nova 2, sob a expressão “comunidade carente” como sinônimo para “favela”, de onde vêm a maioria dos alunos da escola, incluindo a Cruzada.

(...) Então, eu via a favela como uma ameaça na minha vida. Eu falei, meu Deus, eu não vou saber lidar... trabalhar em favela. Mas isso já mudou também. Eu nunca trabalhei em comunidades carentes, não. Só em escolas bem situadas. Mas o alunado pertence à comunidade carente, a gente sabe disso. A maioria é de comunidades carentes. Eu não gosto de usar esse termo, mas eu vou ser sincera: eu costumo dizer que eu trabalho com a mazela social do nosso país. (...)
(Professora Nova 2)

Analisando como se deu historicamente a transformação do termo pobreza em sinônimo de carência, Valladares (apud SIMÕES, 2008:282) argumenta ser esse processo tributário da terminologia “população de baixa renda” utilizada pelo Banco Mundial e por mais organismos internacionais na década de 1960, quando passaram a investir em políticas sociais, introduzindo a variável renda para definir pobreza. O que permitiu a criação de um “público-alvo”, único e sem diferenciações internas, principal foco dos programas sociais que deveriam dar solução ao problema da pobreza definido em termos de carência, “entendida como um problema endógeno ou, até mesmo, inerente aos membros de determinado segmento social. O chamado público-alvo, nesse sentido, é portador de um problema, e não o prejudicado pelo sistema” (SIMÕES, 2008:282).

A Cruzada São Sebastião foi representada ainda sob a categoria “favela de asfalto” por membros da direção, que a caracterizaram como tipo “pior que favela”. Percebeu-se que, sendo a Cruzada um conjunto habitacional cujo padrão de ocupação do solo é formal, ser “pior que favela”, na percepção das informantes da direção, não corresponde ao aspecto da estabilidade, especialmente se comparado às condições de moradia muitas vezes precárias e instáveis em favelas da cidade. Mas pode corresponder, antes, a aspectos da subjetividade de seus moradores, muitos oriundos de favelas, portadores de uma identidade que seria forjada nestes lugares excluídos da cidade, e ao mesmo tempo pessoas de “nariz em pé”, como disseram, por habitarem em prédios. Ser “pior que favela” está referido, portanto, menos à estrutura do conjunto habitacional em si, e mais ao

sentido comportamental, psicológico e moral atribuído por elas àquela população que “não é humilde”.

Chamou a atenção também o esforço da Professora Antiga 2 em criar uma espécie de tipologia da favela no Rio.

Eu trabalhei lá num lugar chamado X (cita o nome de uma favela na Zona Oeste da cidade). A gente tem ideia de favela, a gente que eu digo – eu tinha, não tenho mais – que é a de morro. Aí eu cheguei lá, tinha uma comunidade que era chamada de favela (...). E não é morro. É asfalto. São várias casas humildes, pequenas, de vários tipos, de tudo quanto é jeito, de tijolo, ou de alvenaria, ou de... bem humilde mesmo (...). Aqui não, aqui já é prédio. Já é uma outra visão. Não é nem morro e nem chão. Então, você pode falar, né? Comunidade da Cruzada, favela da Cruzada... com um pouco mais de preconceito, porque eu acho que favela é um nome mais pesado, eu não sei porque... Eu acho mais pesado. Tanto que quando alguém quer xingar uma menina, fala assim: “ah, esse favelado aí!”. Não é? Ficou esse estigma, então... a gente aqui fala Cruzada. (...) Agora, tem vários tipos, né? Tem a de prédio (...) (Professora Antiga 2)

Favelas de morro, favelas de asfalto, favelas de prédio, tipo no qual a Cruzada se adequaria. Apesar das particularidades ecológicas que tal tipo apresenta se comparado a favelas situadas em morros, como a inexistência de becos que possam dificultar a ação da polícia, segundo a Professora Antiga 2 o que aproxima os tipos de favela é a presença dos “donos do lugar” que, de algum modo, interferem no dia a dia de quem frequenta ou mora nessas localidades¹⁰.

Historicamente, ao longo dos mais de cem anos de existência, a favela foi assumindo outras configurações que não mais relacionadas apenas à imagem dos barracões de zinco pendurados no morro, como na letra do samba “Barracão”¹¹. O verbo “favelizar”, segundo Burgos (2005), é sintoma deste processo, dando corpo à ideia de que há especificidades na socialização da população que habita esses espaços segregados, uma moral e uma cultura singulares e contrastantes em relação ao que se entende por cidade:

¹⁰ Licia Valladares conta que a associação entre os termos “favela” e “morro” é corrente desde o início do século XX no Rio; são usados como sinônimos há muito tempo, a conferir na produção literária sobre a cidade e também em letras de samba. Na leitura de Euclides da Cunha, a topografia bastante acidentada dos morros da cidade, assim como em Canudos, acentuou a ideia entre cronistas e jornalistas brasileiros de que as favelas constituíam fortificações, locais de difícil acesso onde se escondiam os “malandros”. “Como em Canudos, a favela tinha um chefe que controlava a cidadela onde as instituições públicas não eram respeitadas.” (VALLADARES, 2005b:33-34).

¹¹ A autoria de Oldemar Magalhães e Luiz Antônio, 1953. In *Dicionário Cravo Albin*. http://dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Oldemar+Magalh%E3es&tabela=T_FORM_A&qdetalhe=art

Daí que conjuntos habitacionais e loteamentos irregulares – dois dos principais espaços de habitação popular nas cidades brasileiras – embora com um padrão mais formal de ocupação do solo, também possam “favelizar-se”, isto é, assumir características socioculturais semelhantes àquelas encontradas nos espaços típicos das favelas, do que é sintoma a existência dos tradicionais “donos do lugar”, e mesmo de gangues de traficantes de drogas e de armas em muitos desses aglomerados habitacionais. (BURGOS, 2005:190)

Finalmente, o termo “gueto” também foi acionado no sentido de falar da Cruzada São Sebastião como moradia de uma população isolada social, econômica e culturalmente em comparação ao Leblon, parte da “cidade formal”.

“É um gueto, né? Porque eles estão entre a Lagoa, Leblon e Ipanema. Né, o metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro eles estão, né?” (Direção)

“Eu acho que são guetos mesmo. Não se misturam. O que é muito chato.” (Professora Nova 1)

4.3.4.

Aviso ou sentença? Sobre caminhar pelo conjunto habitacional

A maioria das entrevistadas trouxe à tona em seus depoimentos o aviso dado pela Associação de Moradores da Cruzada São Sebastião (Amorabase), como reprodução de um pedido do tráfico de drogas, pouco antes do início desta pesquisa, para que evitassem caminhar pela rua que corta o conjunto residencial. Mencionaram invariavelmente sentimentos de surpresa, medo ¹² e respeito, especialmente as professoras mais antigas e a direção, que disseram nunca terem recebido tal alerta naquela escola.

(...) Outro dia teve até polícia aí dentro. Eu nunca tinha vista aquilo. ‘Não passa por aqui porque tem isso, porque tem aquilo’. De avisarem, nunca vi disso aqui! A gente passava numa boa. (Professora Antiga 1)

(...) Hoje o que eu sinto é que eles não querem a nossa presença aí dentro. Passando, sabendo de repente o que tá acontecendo, sabe? E aí a gente tá vivendo

¹² O medo e a apreensão em relação à Cruzada foram os estopins de uma situação dramática revelada por algumas das entrevistadas, um caso que se passou com uma das professoras da escola durante o período da pesquisa. Ao caminhar um dia pelo conjunto habitacional, ela teria visto algum tipo de alvoroço ou movimentação que julgou suspeito entre os moradores e, ao sentir-se ameaçada, a fim de proteger-se, decidiu correr. Na corrida, acabou tropeçando, caindo e se machucando, o que a afastou da escola por licença médica para recuperar-se do acidente.

um momento assim meio assustada. O que que vai acontecer? (Professora Antiga 3)

(...) Nunca vi nada aqui! De um tempo pra cá, já tá havendo. 'Não passa lá, não!'. A gente vê a polícia entrando... Nunca tinha visto nada aqui! 'Não dá a saída agora, não, segura um pouquinho!'. Mas isso é coisa muito rara de acontecer. Muito rara. Que eles lá se entendem lá. (Professora Antiga 2)

(...) Só que de vez em quando é que a gente é comunicada que não pode passar por ali, tal. Então a gente fica mais cautelosa. (Direção)

(...) Falaram pra gente não entrar mesmo... (...) Aí avisaram pra gente, o pessoal mesmo da Associação, pra evitar circular aí por dentro... Eu nunca tive problema nenhum com isso, já cansei de descer favela a pé... Não tenho dúvida de que nós somos mais do que conhecidos... Carro, bicicleta e... E eles sacam também, né? Eles sacam o movimento todo, óbvio, né? Enfim, mas... Eles pedem, a gente tem que respeitar! (Professora Nova 1)

Em suma, pensando os depoimentos das professoras da escola Santos Anjos do ponto de vista da ideia de que o professor de escola pública estaria “dentro” e também “fora” dos espaços segregados onde vive a maioria dos alunos, percebemos algumas questões interessantes.

Todas as entrevistadas apontaram para a existência de separação e do preconceito como características da relação entre a Cruzada e o Leblon. Sobre as professoras antigas e a direção, elas revelaram nutrir uma imagem estanque e por vezes negativa do conjunto habitacional justificada principalmente pelos vários anos em que trabalham na escola. Se identificam no bairro um operador de segregação, que exerce diferenciação sobre a Cruzada, seu discurso parece agir no sentido de marcar também a “sua” fronteira em relação ao conjunto.

Na fala das professoras novas na escola, onde começaram a trabalhar em 2009, percebeu-se também a ideia de distanciamento. Houve uma superposição entre a imagem da Cruzada e a representação que elas têm do mundo e da cultura da favela, onde já trabalharam e revelaram conhecer a “realidade”. O Leblon e a Cruzada são, assim, dois mundos diferentes, com especificidades características de cada lugar, cujo contato se daria principalmente no campo do trabalho, no qual, porém, os moradores do conjunto exerceriam ocupações que exigem baixa qualificação nos empreendimentos vizinhos, como os shopping centers.

O Leblon, rico e fino, hostiliza seus alunos e respectivos pais, relegando-os ao isolamento. No entanto, parece hostilizar também, como vimos, a elas próprias. O que nos permite sugerir que, ao passo que também frisam claramente

as diferenças entre elas e seu alunado, há identificações principalmente quanto ao desconforto que a experiência de frequentar o Shopping Leblon pode oferecer. Revelam uma espécie de mimetismo com seu público, do qual, entretanto, se empenham em se distanciar, a fim de não se confundir com ele.

Podemos especular que, de certo modo, o conjunto de interpretações das docentes da Santos Anjos traz ambiguidades. As professoras parecem estar na “fronteira”: nem dentro, nem fora. Ou seja, estariam entre a Cruzada, da qual se esforçam em se afastar; e também entre o Leblon, bairro com o qual não se identificam plenamente, que também parece excluí-las, assim como exclui seus alunos.

Finalmente, todas as entrevistadas, sem exceção, fizeram referência à Cruzada como “comunidade”, no sentido de eufemismo de favela, para substituir o termo tão estigmatizado. Concomitantemente, ofereceram uma série de metáforas na tentativa de falar sobre aquele espaço singular, nenhuma delas, inclusive, relacionada ao fato de ser originalmente denominado como um conjunto habitacional. Tais metáforas parecem remeter-se, direta ou indiretamente, à representação da favela. O que dá força à nossa hipótese de que, frente à singularidade da Cruzada, haveria uma indefinição quanto à terminologia a ser adotada. No entanto, quanto ao significado do conjunto, relaciona-se ao universo da favela.

4.3.5.

De dentro, de fora, na fronteira

Agora, traçaremos comparações entre o material referente à pesquisa na escola Santos Anjos e os resultados apresentados no capítulo anterior, sobre as percepções do antigo morador, do presidente da Amorabase, do corretor imobiliário, bem como sobre a análise do material da imprensa. Fica claro que, diferentemente dos demais intérpretes, professoras e direção não têm interesses em neutralizar ou mitigar o que chamamos em outro momento de “efeito Cruzada”.

Ao contrário da imprensa e da percepção sobre o mercado imobiliário apresentada pelo corretor, não aparecem nos depoimentos das professoras intenções em amenizar, do ponto de vista simbólico, aquela região onde está instalado o conjunto. No material jornalístico e na entrevista com o corretor, cujos resultados nos ajudam a compreender um ao outro, fica sugerida a ideia de uma lógica de interesses que regeria a ambos, na tentativa de afastar o estigma territorial do lugar e possivelmente estimular novos processos de ocupação residencial nas redondezas.

No discurso das docentes, a Cruzada ocupa um outro lugar se comparada à fala do presidente da associação de moradores. Ele, interessado em defender a ideia de que o conjunto habitacional é, em verdade, ou deve ser um condomínio residencial, demonstra a necessidade cotidiana de “conscientizar” seus vizinhos. Para as professoras, de outro lado, apesar da dificuldade em se remeter à Cruzada por meio de apenas um único termo, o conjunto carrega representação semelhante à da favela.

Nem mesmo se nota entre as docentes uma fala empenhada em livrar o passado da escola, atrelado à presença da “comunidade” em seu espaço, da imagem negativa que dispõem sobre o conjunto, como o faz o antigo morador. Ele, por seu turno, revela o desejo de dissociar sua experiência como morador da Cruzada da visão atual sobre seu antigo local de moradia.

Para as professoras, a discriminação, a evitação e o preconceito pautam a relação entre a Cruzada e o Leblon, que segue erguendo “muros” e reforçando fronteiras no sentido de separar a população do conjunto, tratada como diferente cultural e social pelos habitantes do bairro. Ao mesmo tempo em que notam este movimento, seu discurso, de um lado, reitera alguns dos estereótipos correntes sobre a Cruzada, semelhantes aos estereótipos sobre as favelas. Isto é, comparada aos demais intérpretes que manifestam, de diversas maneiras, o desejo de cancelar a representação social degradada do conjunto habitacional segundo expectativas e interesses próprios, sugerindo por vezes a suavização da fronteira entre a Cruzada e o Leblon, é na escola que o conflito emerge. É nela que os preconceitos, as diferenciações e as acusações se desvelam.

Contudo, interessante é perceber que não se pode colocar as professoras e a direção da Santos Anjos imediatamente no grupo daqueles que são “de fora”,

como se posiciona o antigo morador, por exemplo; ou como pudemos ver a partir do material do Orkut apresentado no capítulo antecedente, apontando ser a Cruzada um dos cinco principais problemas do bairro. O conjunto de depoimentos das professoras oferece ambiguidades.

Ao mesmo tempo em que promovem um distanciamento do universo da favela, do qual a Cruzada fazia parte, mostram também compartilhar com o público de alunos do conjunto habitacional o sentimento de não-pertencimento que o bairro do Leblon nelas provoca. Por isso, concluímos estarem as professoras em situação de fronteira: nem na Cruzada, nem no Leblon; nem dentro, nem fora.

Em resumo, ao passo que o material exposto no capítulo dois nos indica que o antigo morador, o presidente da Amorabase, a imprensa e o corretor imobiliário promovem táticas de resistência ao estigma territorial que recai sobre a Cruzada São Sebastião e sobre a relação desta com o Leblon, no intuito de atenuá-lo conforme seus objetivos, eles também, por outro lado, nos reafirmam a existência da segregação. As docentes da Santos Anjos, por sua vez, assumem, sentem a fronteira entre o conjunto habitacional e o bairro, remontando também a “sua” fronteira própria com o conjunto. Porém, revelam uma posição incerta se comparadas aos demais intérpretes, estando elas próprias em situação fronteiriça. Nem lá, nem cá.